



A MOBILIDADE EDUCACIONAL DOS PROFISSIONAIS LIBERAIS NIKKEIS NA ÁREA DA SAÚDE.

Adriano Amaro de Sousa ¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a trajetória de mobilidade educacional dos profissionais liberais *nikkeis* na área da saúde (medicina e odontologia) no município de Presidente Prudente/SP. Vislumbrando uma dinâmica de mobilidade para o estudo e para a carreira, tendo como sujeito da pesquisa as descendentes de japoneses denominadas de *nikkei*, centrado nas nipo-brasileiras da segunda (*nissei*) e da terceira (*sansei*) geração no Brasil. Para tanto, os aspectos teórico-metodológicos estão balizados nos conceitos de mobilidade-permanência em Sorre (1984), nos territórios de oportunidades em Gotmann (1973) e na mobilidade diferenciada de Massey (2008) a partir dos depoimentos orais de duas famílias *nikkeis* (Yamada e Sakuma). De modo geral, a mobilidade profissional, foi alavancada pela educação (em todos os níveis, mas principalmente o nível superior), levou a uma mobilidade diferenciada, vislumbrada nos territórios das possibilidades. De modo geral, o resumo de tudo isso é a conformação de uma comunidade de profissionais liberais *nikkeis* que forma uma rede social pautada pela cultura e pela vontade de se libertar do trabalho no campo, reconfigurando a divisão social do trabalho das famílias nipônicas na cidade de Presidente Prudente.

Palavras-chave: Mobilidade; Educação e Nikkei.

Abstract: This article aims to analyze the trajectory of educational mobility of Nikkei liberal professionals in the health area (medicine and dentistry) in the city of Presidente Prudente/SP. Glimpsing a dynamics of mobility for study and career, having as the subject of the research Japanese descendants called Nikkei, centered on the second (*nissei*) and third (*sansei*) generation Japanese-Brazilians in Brazil. Therefore, the theoretical-methodological aspects are based on the concepts of mobility-permanence in Sorre (1984), on the territories of opportunities in Gotmann (1973) and on the differentiated mobility of Massey (2008) based on the oral statements of two Nikkei families (Yamada and Sakuma). In general, professional mobility, which was leveraged by education (at all levels, but mainly at the higher level), led to a differentiated mobility, glimpsed in the territories of possibilities. In general, the summary of all this is the formation of a community of Nikkei liberal professionals that form a social network guided by culture and the desire to free themselves from work in the countryside, reconfiguring the social division of labor of Japanese families in the city of Prudent President.

Keywords: Mobility; Education and Nikkei.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la trayectoria de la movilidad educativa de los profesionales liberales Nikkei en el área de la salud (medicina y odontología) en la ciudad de Presidente Prudente / SP. Vislumbrando una dinámica de movilidad para el estudio y la carrera, teniendo como tema de investigación a los descendientes japoneses llamados Nikkei, centrados en los japoneses-brasileños de segunda (*nissei*) y tercera (*sansei*) generación en Brasil. Por tanto, los aspectos teórico-metodológicos se basan en los conceptos de movilidad-permanencia en Sorre (1984), en los territorios de oportunidades en Gotmann (1973) y en la movilidad diferenciada de Massey (2008) a partir de las declaraciones orales de dos Nikkei. familias (Yamada y Sakuma) En general, la movilidad profesional, que fue apalancada por la educación

¹ Doutor em Geografia pela UNESP-FCT. Professor da ETEC Albert Einstein, adramaro@yahoo.com.br. Este artigo é o resultado parcial da tese intitulada “Território e mobilidade social: o *nikkei* como profissional liberal no município de Presidente Prudente/SP”, sob a orientação do Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito, defendida em 2019.



(en todos los niveles, pero principalmente en el nivel superior), generó una movilidad diferenciada, vislumbrada en los territorios de posibilidades. En general, el resumen de todo esto es la formación de una comunidad de profesionales liberales Nikkei que forman una red social guiada por la cultura y el deseo de liberarse del trabajo en el campo, reconfigurando la división social del trabajo de las familias japonesas en la ciudad. de Prudent President.

Palabras llave: Movilidad; Educación y Nikkei.

INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)

A mobilidade educacional e populacional enfocada pela ciência geográfica é a motivação para a construção deste artigo, relacionando migração e território, a fim de apreendermos o par dialético mobilidade-permanência. Damos destaque para a permanência e suas nuances para fazer a leitura da mobilidade social no espaço geográfico. Na permanência, o que mais se desloca espacialmente são as mercadorias, enquanto que os sujeitos tendem a permanecer no seu habitat (casa/trabalho), sendo que, na permanência, emergem novas oportunidades de mobilidade social (renda, diferenciada e virtual).

A mobilidade social também é considerada como mobilidade vertical que se refere à mudança de status sociais no território que aqui será pesquisada pelo nikkei, que é brasileiro com descendência japonesa. Tal mobilidade, que também pode ser chamada de vertical, tem na educação o ápice do movimento via especialização do trabalho. Portanto, este estudo mostra o panorama de uma comunidade nikkei se inserindo como quadro étnico da sociedade brasileira procurando sua territorialização e ascensão social na sociedade receptora.

Todavía, visualizamos o profissional liberal nikkei via qualificação educacional superior pelo filho escolhido sendo o escopo dessa pesquisa. Nele, posteriormente, temos as filhas e os outros membros da família que também se graduaram em nível superior universitário. Mas, como eram de famílias menos abastadas e migrantes tiveram toda uma estratégia/percurso para alcançar tal empreitada no capitalismo tardio brasileiro. De modo que visualizamos as famílias de imigrantes japoneses e seus descendentes, somente depois do final da II Guerra Mundial, que definitivamente passaram a se fixar no país. E uma parcela deles se assentou no espaço rural na pequena propriedade agrícola. O meio rural era estruturado de forma familiar/colônia via redes nipônicas (sociais/técnicas), em que o filho do imigrante japonês passou a estudar fora de casa para ser um profissional liberal, entrando em processo de mobilidade espacial, para futuramente com o título de doutor realizar a mobilidade social. Essa



territorialidade da mobilidade educacional e profissional nikkeis tem relevo no acontecer do espaço urbano numa cidade média, por intermédio de 16 entrevistados advindos de cidades pequenas do Oeste Paulista, tendo Presidente Prudente/SP como território do acontecer dos profissionais liberais nipo-brasileiros.

Nesse sentido, temos por objetivo compreender a trajetória de mobilidade educacional e populacional dos profissionais liberais nikkeis no município de Presidente Prudente/SP, por meio dos estratos ocupacionais centralizados nas especialidades da área da saúde de medicina e de odontologia, vislumbrando teorizar a dinâmica de mobilidade para o estudo por meio do território e da territorialidade, dentro de uma escala temporal entre as décadas de 1950-1980, sendo o sujeito da pesquisa o nikkei a partir da segunda (nissei) e da terceira (sansei) geração de descendentes de japoneses no Brasil.

APORTE TEÓRICO

O Para compreender os aspectos teóricos do artigo a partir do nikkei como profissional liberal e sua mobilidade espacial e social sob a ótica da literatura especializada da Geografia, balizados nos conceitos de mobilidade-permanência em Sorre (1984), nos territórios de oportunidades em Gottmann (1973) e na mobilidade diferenciada de Massey (2008). Desse modo, iniciamos com a dialética do par conceitual mobilidade-permanência² na dinâmica do território conduzindo a mobilidade populacional nos estudos geográficos.

Sobre o conceito de território, Gottmann (1973) aborda mais como “plataforma para oportunidade do que como um abrigo para a segurança” (p. 534), levando em consideração o desenvolvimento e a soberania que, ao nosso ver, possibilita a mobilidade espacial/territorial dos migrantes que, sobretudo, assentam no lugar o indivíduo por meio da permanência dada pelo território de oportunidade. Sendo assim,

² O movimento surge como única realidade, a permanência como ilusão causada pela mobilidade atenuada, imperceptível, e às vezes também pelo emprego simultâneo de duas escalas diferentes de mobilidade. A estabilidade, expressão de um equilíbrio precário de forças, é sempre relativa, jamais absoluta. A análise ecológica, instrumento essencial do geógrafo, deve ser esclarecida pelo conhecimento da evolução. Em contrapartida, é bem verdade que o conhecimento de cada um dos momentos passados, objeto das disciplinas históricas, reclama um sentido ecológico. Mas não é este nosso propósito agora. A explicação científica do complexo local não se satisfaz com uma visão estática: é necessário acrescentar a ela o sentido da mobilidade e, portanto, das migrações (SORRE, 1984, p. 128).



elegemos o conceito de território³ e de territorialidade, como descrito por Saquet (2003), para entender a mobilidade associada aos processos de territorialização do nikkei.

Já o conceito de mobilidade diferenciada, Massey (2008) apresenta a mobilidade espacial apontando elementos para uma possível mobilidade social via diferenciação social, ao afirmar que:

[...] diferentes grupos sociais e diferentes indivíduos que se posicionam de forma distinta em relação a esses fluxos de interconexões. Não me refiro simplesmente à questão de quem não se movimenta e de quem não o faz, embora essa questão seja um elemento importante; trata-se também do poder em relação aos fluxos e movimentos (p. 179).

Nessa perspectiva, a territorialidade da mobilidade social (renda e status) se diferencia da mobilidade espacial (deslocamentos), porém ambas estão intensamente articuladas numa simbiose. Para Pastore (1979), a mobilidade espacial pode levar à condição de mobilidade social, na maioria dos casos, dependendo da conjuntura econômica internacional e do grau de especialização do migrante para se inserir no mercado de trabalho; normalmente a mobilidade social ocorre por oportunidades de rendimentos oferecidas na sociedade de destino dada pela dinâmica educacional.

Segundo Cardoso (1963), os sucessivos êxitos econômicos dos nipônicos após a II Guerra Mundial trouxeram novos estímulos e novos objetivos para o grupo: a) não retornar mais ao Japão; b) tornarem-se proprietários rurais; c) educar os filhos; e, d) ter status/prestígio social. Tudo isso favoreceu a ascensão social dos nikkeis por meio da

[...] valorização do trabalho intelectual, que trouxeram do Japão, e o propósito de proporcionar aos jovens uma vida melhor, fizeram com que esses “isseis” incentivassem os “nisseis” o desejo de conseguir uma profissão urbana e bem categorizada socialmente. A vida rural brasileira é difícil e desconfortável. A inexistência de comunicações, as grandes distâncias entre os núcleos povoados, a preponderância da monocultura, entre outras razões, faz(em) do homem do campo um ser

³ Um território não é construído e, ao nosso ver, não pode ser definido apenas enquanto espaço apropriado política e culturalmente com a formação de uma identidade regional e cultural/política. Ele é produzido, ao mesmo tempo, por relações econômicas, nas quais as relações de poder inerentes às relações sociais estão presentes num jogo contínuo de dominação e submissão, de controle dos espaços econômico, político e cultural. O território é apropriado e construído socialmente, fruto do processo de territorialização [e territorialidades] (SAQUET, 2003, p. 24).

isolado que deve enfrentar sozinho as grandes dificuldades. Essas condições de vida vieram reforçar o valor atribuído pelos japoneses aos trabalhos intelectuais, e o empenho que fizeram em ver os filhos diplomados (CARDOSO, p. 56, 1963).

Todavia, a mobilidade diferenciada no território de oportunidades, para Cardoso (1998), ocorreu pela valorização dos aspectos intelectuais que acompanha os nipo-brasileiros desde os tempos do Japão, mediada pelo gosto e cuidado com a educação e cultura. Com isso, a ideia de se livrar do colonato e se tornar sitiante já denota a vontade de ascensão social do nipo-brasileiro. Mas, conforme Sakurai (1993), o migrante nipônico tinha o desejo de educar os filhos para que não fossem caboclos brasileiros (analfabetos e sem profissões): essa era prioridade.

De modo geral, corroboramos como Vasconcelos (2012) define o profissional liberal: alguém que “se enquadrar nessas profissões regulamentadas ou não por lei; as que exigem formação universitária ou habilitação técnica equivalente e ainda aquelas reconhecidas no mercado de trabalho e nas relações sociais”. Ficamos com o profissional liberal especializado graduado, cuja atividade pode ser exercida mediante as regulamentações das entidades de classes. Tal profissão liberal era incentivada pelos isseis porque visava buscar uma melhor posição social (oportunidades e rendimentos) do filho nikkei no território focado neste texto, que é aquele se estende pelo município de Presidente Prudente.

METODOLOGIA

Doravante, privilegamos na metodologia os procedimentos da história oral (MEIHY, 2002⁴) dos médicos e dos dentistas com o intuito de mapear a trajetória de vida, de estudo e de carreira dos profissionais liberais nikkeis, levando em consideração três momentos: 1) mobilidade espacial da família do Japão até sua chegada em Presidente Prudente/SP; 2) formação educacional do nikkei do primário à universidade; 3) aspectos gerais sobre o conceito de profissional liberal pelas carreiras dos nikkeis. Essas questões permeiam alguns dos depoimentos orais que estará descrita no artigo pela história de vida/estudo. Os sujeitos selecionados foram indicados inicialmente por membros do conselho de classe (Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas – APCD e

⁴ Segundo Meihy (2002, p.13), “a história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas”. As modalidades da história oral são: história oral de vida, história oral temática e tradição oral.



do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo – CREMSP) e por pessoas próximas (amigos e conhecidos na colônia japonesa) que tinham contatos com os protagonistas da pesquisa. Foi realizada uma pesquisa para verificar quais eram os profissionais liberais nikkeis que atuavam no mercado de trabalho e, também, os aposentados que prestaram serviços no município entre as décadas de 1950 a 1980. Esse período de análise caracterizou a mobilidade ascendente dos nikkeis em Presidente Prudente/SP, fazendo a reconstituição histórica dos migrantes pioneiros nas profissões especializadas da saúde (medicina e odontologia) no espaço urbano prudentino.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

A mobilidade espacial e social dos profissionais liberais nikkeis tem, na educação, a motivação para os múltiplos deslocamentos que perpassam por alguns municípios estratégicos, no intuito de oferecer o ensino ao nissei e sansei, já que, em muitos casos, o município de origem não possuía o curso ginásial ou o colegial, muito menos o curso preparatório para o vestibular que, geralmente, era localizado nos grandes centros urbanos (São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ e Curitiba/PR). Coube aos isseis, depois da II Guerra Mundial, estimular as famílias que se reterritorializaram no Oeste Paulista, sobretudo, após a compra de um lote de terra rural ou de um pequeno comércio na cidade, a recorrer à escola para a escolarização dos filhos. De modo geral, os isseis procuravam investir na educação vislumbrando a possibilidade dos filhos galgarem o título de “doutor” conquistando prestígio econômico e social na sociedade receptora (SOUSA, 2019).

Normalmente, os estudantes nikkeis partiam das regiões de origens (Alta Noroeste, Alta Paulista e Alta Sorocabana) para se preparar para as carreiras liberais especializadas nos segmentos de advocacia, de arquitetura, de engenharia, de medicina e de odontologia, dirigindo-se para as cidades de porte médio e grande em busca dos estudos para entrarem em uma universidade renomada e pública. Enquanto isso, a família nipo-brasileira permanecia no trabalho da lavoura ou no comércio, após a estabilidade com a posse da propriedade rural/urbana, possibilitando aos isseis criarem vínculos nesse novo território. A partir desse contexto de estabilidade/permanência (nos dizeres de Sorre) quem passou a ter mais mobilidade na família nipo-brasileira foi o filho nikkei escolhido para o estudo.



As famílias nipônicas no país se deparam com uma situação nova que era a escolha do filho que teria a oportunidade de estudar, enquanto o restante da família trabalhava no lugar de origem do nikkei para garantir o sucesso desse projeto familiar, sendo que o filho escolhido migrava para outros lugares. No início, raramente as filhas eram escolhidas, mas com o passar do tempo e da melhoria nas condições financeiras da prole, pelos idos das décadas de 1970/80, as filhas e os outros membros da família também tiveram a oportunidade de finalizar o ensino básico. Todavia, apenas alguns deles/delas cursariam o ensino superior na cidade natal ou em outros lugares, colocando-se prontamente em mobilidade espacial para o estudo e para a carreira profissional, exceto o filho mais velho que continuava no seio da família, como herdeiro das atividades paternas (SOUSA, 2019). Contudo, as entrevistas foram realizadas com alguns desses 10 profissionais liberais especializados: dentistas e médicos⁵.

Quadro 1: Os profissionais liberais nikkeis em Presidente Prudente 1950-1980.

ENTREVISTADO	FACULDADE	NASCIMENTO E CIDADE NATAL	FAMILIA BRASIL	FORMADO	ATUAÇÃO PROFISSIONAL PP
MEDICINA					
Elza Utino	F. Med. Itajuba	1954 (Mirandópolis)	1932	1979	1982
Flora Yamazaki	FAMEMA	1953 (Caiabu)	1934	1978	1981
NeiwIamada	UFRJ	1969 (Pres. Venceslau)	1929	1991	1994
Oscar Higa	UFRJ	1954 (Prudente)	1933	1978	1981
PércilesOtani	USP	1954 (Prudente)	1925	1977	1981
SizuvoIamada	UFRJ	1932 (Bilac)	1929	1959	1971
TadashiUchida	USP	1936 (Prudente)	1929	1961	1963
ODONTOLOGIA					
Augusto Anzai	UNESP-Ar	1946 (Prudente)	1932	1971	1972
Luiz Nagai	Unoeste	1954 (Pirapozinho)	1936	1976	1977
Márcia Sakuma	USP	1966 (Prudente)	1939	1989	1991
IzumiSakuma	Fac. Lins	1939 (Bastos)	1931	1967	1968

Fonte: Trabalho de campo (agosto/2017 a outubro/2018)

Org.: Adriano Amaro de Sousa

Diante do quadro 1, em termos teóricos, permitimos nos afirmar que, por meio da metodologia adotada no andamento do artigo, os elementos escolhidos foram importantes para se chegar aos resultados finais. Portanto, visualizamos que a partir das

⁵ Os dois cursos mais procurados pelos nikkeis foram o de medicina e de engenharia, conforme o relato do médico Pericles Otani (2017) “a agente não tinha muita escolha, na época era medicina ou engenharia e eu escolhi medicina”, os dois cursos tinham como opção a mobilidade social vislumbrada pelos isseis. Cardoso (1986) afirmava que, essas duas profissões liberais eram as que mais davam sucesso e prestígio aos descendentes de japoneses e que a maioria das famílias nipônicas desejavam ter um filho doutor: médico ou engenheiro. Para Harada (2008), os cursos de ciências biológicas eram os mais procurados pelos nikkeis, em segundo lugar o curso de engenharia pelo dinâmica dos cálculos e, por último, ciências humanas pela dificuldade da língua/comunicação.



mobilidades espacial (deslocamento) e social (ascensão) a noção de território se configurou e permitiu deduzir que a territorialidade se constituiu por meio da mobilidade dos agentes estudados (médicos e dentistas). A mobilidade profissional, foi alavancada pela educação (em todos os níveis, mas principalmente o nível superior), levou a uma mobilidade diferenciada, vislumbrada nos territórios das possibilidades. De modo geral, o resumo de tudo isso é a conformação de uma comunidade de profissionais liberais nikkeis que forma uma rede social pautada pela cultura e pela vontade de se libertar do trabalho no campo, reconfigurando a divisão social do trabalho das famílias nipônicas na cidade de Presidente Prudente. Aqui iremos visualizar a mobilidade educacional por meio da trajetória de duas famílias Yamada e Sakuma dos profissionais na área da saúde.

A MOBILIDADE EDUCACIONAL DO NIKKEI

No Brasil, a dinâmica de mobilidade espacial dos nipônicos aconteceu inicialmente quando eles se tornaram sitiante e se organizaram em associações nipo-brasileiras, configurando territórios e redes técnicas/sociais no Oeste Paulista, procurando se territorializar de vez no país receptor. Essa territorialização foi assentada dentro da lógica do modo de produção capitalista, quando adquiriu sua pequena propriedade rural ou montou seu pequeno comércio, posteriormente estabilizado passou a investir na educação dos filhos. Tal educação dos filhos é o estopim para a mobilidade dos *nikkeis* na busca por se tornar um doutor (profissional liberal urbano).

Foi a partir desse contexto de estabilidade/permanência⁶ que quem passou a ter mais mobilidade na família nipo-brasileira foi o filho *nikkei* escolhido para o estudo,

⁶ Para tanto, compreendemos a mobilidade na geografia pelo território e pelas redes/objetos técnicos articulado com o trabalho (a informação/comunicação e energia) em Raffestin e o meio técnico-científico-informacional de Santos. Já a ascensão social/vertical na mobilidade territorial está assentada no uso do conceito de Pastore de que a mobilidade social ocorre por melhores oportunidades de rendimentos. Desse modo, a TDR de Raffestin (1994) se faz necessária para o assentamento/arraigamento do migrante no território, sendo que o conceito de permanência tem relevo na territorialização (político e econômico em Raffestin, Saquet) e a sua efetivação espaço-temporal advém da estabilidade/equilíbrio do homem ao meio (via permanência no ecúmeno de Sorre e abrigo/segurança em Gottman) dado pelo modo de produção vigente no lugar, ocasionando melhores condições de reprodução/sobrevivência social e biológica dos *outsiders*. Contudo, as TDR's (territorialização, desterritorialização e reterritorialização) não estão explícitas no artigo de forma direta, mas é contemplado indiretamente pelo conceito de territorialidade, trabalhado nas suas relações sociais cotidianas oriundas pelas TDR's pelos aspectos político, econômico, social, cultural e natureza na produção do espaço geográfico.



como no caso do médico nissei o Sr. Sizuvo Iamada que nos narrou esse fato com bastante clareza e consciência:

Meu pai, por exemplo, veio para se instalar no Brasil. Procurou educação e tudo isso. E prometia assim para gente “olha, quando eu puder vou fazer vocês estudarem, porque eu quero que tenha muitos doutores na família. Viu”. E nesse intuito, sabe, acabou chegando a minha vez. Porque meus irmãos tinham também a vontade de estudar, mas não conseguiam essas facilidades para poder sustentar. Quando chegou à minha vez. Minha família já tinha o suficiente para arcar com isso. E me mandar estudar. (ENTREVISTA, DR. SIZUVO IAMADA, 14/09/18).

Portanto, o filho escolhido para se dedicar a educação da família Iamada competiu ao quarto filho dentre os outros cinco irmãos (Yassu, Fumio, Katsui e Mitsuko) tendo o privilégio de estudar. Nesse sentido, o sr. Sizuvo foi o primeiro filho nascido no Brasil em 1932, pois seus pais vieram do Japão com três filhos, desembarcando em 1929 no porto de Santos, logo em seguida se dirigindo para o povoado denominado de Nicolândia/SP. Tal povoado se configurou no atual município de Bilac/SP situado na região Noroeste do Estado de São Paulo. Local em que a família arrendou terras e, posteriormente, comprou uma pequena propriedade no bairro rural Barreiros, para continuar trabalhando com a lavoura de café e de algodão.

As famílias nipônicas no país, em especial a família Iamada, se deparam com uma situação nova que era a escolha do filho que teria a oportunidade estudar, enquanto o restante da família trabalhava para garantir o sucesso desse projeto familiar, sendo que o filho escolhido migrava para outros municípios onde o estudo era ofertado e mais consolidado, almejando ser doutor. Migrar para o estudante *nikkei* significava se distanciar espacial e afetivamente da família, sendo que desde criança tinha a responsabilidade de se destacar no ensino, para obtenção do título de letrado. Não sendo uma missão fácil para o estudante nipo-brasileiro pelas expectativas depositadas nele. Logo, a família sonhava com o título de doutor do filho escolhido, na perspectiva de atrair o dinheiro e a visibilidade social, dando notoriedade para o sobrenome da família no lugar de origem do *nikkei*.

No início raramente as filhas eram escolhidas, mas com o passar do tempo e da melhoria nas condições financeiras da prole, lá pelos idos das décadas de 1970/80, as filhas e os outros membros da família também tiveram a oportunidade de finalizar o ensino básico. Todavia, apenas alguns deles/delas cursariam o ensino superior na cidade



natal ou em outros lugares, se colocando prontamente em mobilidade espacial para o estudo e para a carreira profissional, exceto o filho mais velho que continuou no seio da família.

Conforme Cardoso (1998), o que permaneceu razoavelmente por um tempo na tradição japonesa de algumas famílias era obrigação do filho mais velho de cuidar da herança econômica/cultural da prole e de ficar junto aos pais na lida do campo ou do comércio. Por tal obrigação, o irmão mais velho do dr. Sizuvo (2018), o sr. “*Yassu se formou depois, ele não pode usufruir assim dos estudos em nível superior, porque ele teve que tomar conta da propriedade*”. Tanto o sr. Yassu quanto as suas irmãs fizeram somente o primário básico rural, bem mais tarde já no espaço urbano cursaria o ginásio e o colegial no pequeno município de Bilac/SP, dando a oportunidade dos *nikkeis* finalizarem os estudos básicos. Já o ensino superior necessitava buscar centros urbanos maiores. Porém, antes da chegada do ensino público ginásial e colegial a família Iamada já havia encaminhado o filho escolhido para realizar os estudos fora do município.

Nesse sentido, a mobilidade espacial do médico Sizuvo Iamada tem haver com o desejo da família em educar o filho mais novo, como as condições eram adversas e as escolas para avançar nos estudos se localizavam fora do lugar de origem, coube ao pequeno estudante migrar. Pois a educação oferecida aos *nikkes* era o ensino primário rural municipal. No entanto, o entrevistado nos descreveu os seus percursos espaciais para o acesso ao ensino básico até a sua entrada na universidade, deixando evidente que a família investiu exclusivamente nele, sendo que com o passar do espaço-tempo os seus irmãos/irmãs foram terminando os estudos. Doravante,

[...] todos os meus irmãos/irmãs tiveram o primário completo, entendeu. Todo mundo estava pensando em estudar, fazer curso superior e etc., mas chegou esse momento justamente na minha vez, só que eles conseguiam me manter nos estudos. [...] Já a escola japonesa não tinha assim oficialmente era algo mais familiar que se aprendia de criança paralelo ao curso do primário rural. [...] Aí para dar continuidade aos estudos eu fui para Araçatuba/SP em 1944 fazer o ginásio, depois estudei em São Carlos/SP o primeiro e o segundo do colegial em 1949, sendo que o terceiro ano do colegial resolveu fazer em São Paulo/SP. [...] Fiz um ano de cursinho em São Paulo/SP quase que passei lá na USP. Resolvi fazer cursinho no Rio de Janeiro/SP e nessa segunda vez prestei somente a Faculdade Nacional de Medicina a antiga Universidade do Brasil que hoje é a UFRJ. E passei no curso



que eu queria em 1953⁷ e me formando em 1959 (ENTREVISTA, DR. SIZUVO IAMADA, 14/07/18).

Compreendemos os múltiplos deslocamentos espaciais para o estudo do médico Sizuvo como um projeto da família Iamada de territorialização no Brasil, em que parte da família trabalhava para sustentar o “embrionário” doutor *nikkei*. Tal apoio fizera progredir nos estudos devido aos sacrifícios da prole para poder sustenta-lo. Percebemos pelo depoimento que o doutor era grato ao pai e a família por ser o filho escolhido e, também, por terem arcados com os custos dos estudos (moradia, deslocamentos, alimentação, etc). Por sua vez, ele fizera a mobilidade desde criança para ter acesso aos estudos, passando por várias cidades dentro de uma rede de solidariedade que incluía casa de amigos, alojamento das associações nipo-brasileira e pensão para estudante *nikkei*. Essa experiência espacial foi de suma importância para a formação do doutor que passou a conhecer as formas híbridas da realidade dos municípios do interior paulista e dos grandes centros urbanos (São Paulo e Rio de Janeiro) até se territorializar na região da Alta Sorocabana (Presidente Venceslau/SP e Presidente Prudente/SP).

Desse modo, já formado médico obstetra⁸ em 1961 o sr. Sizuvo resolveu vir para o Oeste Paulista, escolhendo como lugar de trabalho a promissora cidade de Presidente Venceslau/SP, nela tinha vínculos afetivos familiares que daria início a sua rede social e de negócios no lugar. Eu “*vim para Venceslau porque minha irmã residia na cidade e, também, a princípio era uma região próspera. Apontava-se. Venceslau na época tinha voo direto para o Rio de Janeiro/RJ*” (ENTREVISTA, DR. SIZUVO IAMADA, 14/07/18). Posteriormente, por volta de 1969, mudou-se para Presidente Prudente/SP com a família (esposa⁹ e duas filhas e um filho), montando seu consultório particular e

⁷ Morou em uma república com amigos da faculdade no bairro Catete e, também, em Botafogo que ficava uns três ou quatro quilômetros da universidade.

⁸ “*Naquela época todo mundo, por exemplo, um hospital particular chamava para trabalhar. Funcionava dessa maneira, porque precisava de mão de obra. Isso, estudante. Era tão fácil nessa época para aprender. Muito fácil. Não tinha profissional, na verdade, nessa época. Numa cidade superpopulosa como o Rio de Janeiro/RJ com uma quantidade de médico muito pequena. Escolhi a especialidade da obstetria porque a maternidade era algo assim, que dava mais serviço*” (IAMADA, 2018).

⁹ A esposa do médico Sizuvo era brasileira, carioca. Segundo ele “*nós nos conhecemos no pronto socorro, naquele dia eu estava substituindo o plantão de um colega e ela apareceu lá, com problema de alérgica*”. Ela era professora formada em Pedagogia, tinha estudado em Paris na Universidade da Sorbonne na França e também estudou na Argentina. Segundo o filho Neiw (2018), “*minha mãe era uma mulher muito diferenciada na época, veio para Venceslau/SP por*



iniciando a construção do Hospital Maternidade Iamada, concretizando o sonho do jovem e empreendedor médico. Ademais, o médico Sizuvo sempre foi ligado às novas tecnologias e equipamentos em medicina, sendo pioneiro em ultrassonografia no Estado de São Paulo, buscou a máquina de ultrassom no Japão no período da substituição de importações¹⁰.

Seguindo os passos do pai o *sansei* Neiw Oliveira Iamada também se tornou médico obstetra em 1991, ambos pela mesma Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fazendo residência pela Universidade Federal Fluminense (1992) e mestrado pela UFRJ (1999). Foi médico do exercito, depois preceptor da empresa Johnson & Johnson, enquanto residia no município do Rio de Janeiro/RJ. Como executivo desenvolvia, lançava e dava treinamentos sobre os produtos médicos para a empresa multinacional supracitada.

Portanto, o sr. Neiw era o filho caçula do médico Sizuvo, nascido em 1965, no município de Presidente Venceslau/SP na região da Alta Sorocabana, migrou criança com a família para Presidente Prudente/SP, em 1969. Iniciou seu estudo aqui, como nos relata Neiw (2018), “*eu fiz o primário lá na escola do bairro do Bosque em 1972, depois até a oitava série na escola E. E. Hugo Mielle no bairro Jardim Paulista, posteriormente o colegial particular no Colégio Joaquim Murtinho¹¹ no centro (antigo prédio da ACAE) em 1982*”. Logo, chegou a fase do pré-vestibular e o mesmo se sentiu motivado a fazer medicina. Contudo, eu não fiz escolinha japonesa, pois o ensino da língua e cultura era mais familiar e com os avós *isseis*, pois como os meus avós paternos moravam em outro município tive pouco contato, mas foram marcantes pelo idioma, cultura e valores.

Eu lembro que quando eu era pequeno meu avô sentava todo mundo com uma cartilha japonesa. Fazia isso quando agente ia passear lá. E ele dava aula para quase todo mundo. Era o professor. Lembro que quando eu voltava, estava falando igual japonês, aí meu pai proibiu (ENTREVISTA, DR. NEIW IAMADA, 14/07/18).

causa do meu pai, ela estava em Paris e largou tudo e veio se casar com ele”. E outra o meu pai “*acho que ele foi o primeiro a se casar com brasileira, na época foi um buchicho, tinha muito pouco nissei casado com brasileira*”.

¹⁰ “*Como era aquele depósito compulsório, minha esposa foi lá no Japão comprar e trazer para cá. Ela veio junto, esse aparelho veio junto com o avião. Naquela época ultrassom não tinha em Prudente, quando o doutor Iamada trouxe, esse daqui chegou antes do da USP. E o Instituto de Cardiologia de Prudente não tinha ultrassom, foi ter ultrassom muitos anos depois*” (IAMADA, 2018).

¹¹ Ficava localizado no antigo prédio da ACAE.



Ao nosso ver, tal proibição com o *nikkei* era para que o filho falasse bem o português. E se territorializasse de vez na sociedade brasileira para poder se dar bem nos estudos. Pois para alguns japoneses, em especial da ala dos “vitoriosos”, abandonar o idioma era abandonar o Japão e se dedicar de vez ao lugar de destino. Então, não fazia questão dos filhos ter acesso ao idioma japonês.

Sendo assim, a mobilidade espacial para o estudo do médico Neiw aconteceu quando ele resolveu fazer o último ano do ensino médio e o cursinho pré-vestibular no Rio Janeiro/RJ. Lá inicialmente ficaria hospedado na casa dos avós maternos. Esse deslocamento aparentemente “simplório” Prudente-Rio e Rio-Prudente não representava a totalidade da mobilidade e das redes complexas traçadas pelo doutor. Entretanto, o Rio de Janeiro/RJ era o local de permanência para os estudos e para a vida profissional, sendo que ao mesmo tempo tivera eminentemente múltiplas mobilidades como profissional da medicina, como pesquisador-estudante-congressista, como funcionário do exercito e como preceptor de uma multinacional, se deslocando no Brasil inteiro e no exterior. Nessas idas e vindas do Rio de Janeiro/RJ o médico Neiw destacou que o seu lugar de formação e de pesquisa na área de obstetrícia teve centralidade junto a Escola de Saúde de Manguinhos.

Dentro desse contexto dos descendentes de japoneses na área da saúde, temos o nosso primeiro entrevistado o *nikkei* dentista dr. Izumi Sakuma que era natural de um núcleo de colonização japonesa tradicional do município de Bastos/SP, denominado Núcleo de Bastos¹² localizado na Alta Paulista. Como todo núcleo de colonização nipônica era uma organização governamental japonesa planejada. Esse núcleo foi criado em 1928, procurava atrair imigrantes vindos do Japão e antigos imigrantes residentes nipônicos no país¹³, para garantir a territorialização deles na sociedade receptora, não ocorrendo à migração de retorno (vide o quadro 3).

¹² “Bastos é um núcleo de colonização fundado e administrado pela empresa BRATAC. Localiza-se a 10 km de Iacri, na linha Paulista, e distante aproximadamente 580 km da cidade de São Paulo. [...] A área total do núcleo era no início de 12.000 alqueires. Posteriormente foram comprados 932 alqueires adicionais de terras vizinhas, totalizando assim 1932 alqueires. O projeto inicial era vender em três anos 9.000 alqueires de terras altas e secas, divididas em 900 lotes de 10 alqueires cada. O nome desse núcleo foi tirado de um dos seis proprietários da região, Henrique Bastos” (HANDA, 1987, p. 436).

¹³ Inicialmente a ideia era “colonizar a região somente com imigrantes do Japão. Mas, dadas às circunstâncias da época, mudou-se a política no sentido de receber também imigrantes já no Brasil” (HANDA, 1987).



Nessa perspectiva, o pai do doutor o *issei* sr. Hideo Sakuma se instalou no núcleo de Bastos/SP em 1929, um ano depois do início da colonização do núcleo, veio junto com o pai e mais seis irmãos que passariam a produzir café e algodão como sitiante. Posteriormente, no espaço urbano começariam a produzir doces japoneses (manju, bolacha, balas e entre outros). Por sua vez, o dr. Izumi era o filho primogênito do casal Hideo Sakuma e Sonoko Sakuma, ambos se conheceram pelo tradicional casamento arranjado¹⁴ nipônico, como descreve o filho.

Naquele tempo era muito comum ter missionários japoneses que visitavam as famílias nipônicas aqui no Brasil para pregar o evangélico. E esse missionário evangélico visitava a família do sr. Zentaro Nomura que tinha várias filhas lá em Presidente Venceslau/SP. E ele também visitava a cidade de Bastos/SP e, coincidentemente, visitou a casa da minha avó paterna pregando o evangelho lá. E a minha avó falou assim: *“eu tenho seis filhos homens. Você que visita por aí tudo, vê se encontrar alguma família que tenha bastante filhas para casar com os meus filhos aqui”*. Daí a família do meu avô Zentaro tinha seis mulheres e dois filhos. Então, o interesse que o meu avô tinha era para não deixar nenhuma filha virar titia e, também, falou com o missionário: *“você que visita tudo por aí, visita o Brasil inteiro, você não conhece alguma família assim?”*. Aí ele pediu para o meu avô materno arrumar umas fotos que ia apresentar elas por aí. O missionário pegou as fotos das filhas do meu avô e apresentou para a minha avó lá de Bastos. Ambas as famílias viram as fotos e simpatizaram e meus pais se casaram dessa forma (ENTREVISTA: DR. IZUMI SAKUMA, 06/06/18).

O casamento arranjado era uma prática de territorialidade tradicional dos japoneses no Brasil, que procurava escolher uma noiva para o filho pelas fotos via indicação de um líder conhecido da família, que poderia apresentar o filho ou a filha na comunidade nipo-brasileira. Nesse caso, o missionário saiu por aí para apresentar as duas famílias Sakuma e Nomura, naquele tempo demorava muito para ter uma notícia dos pretendentes, pois a viagem era feita a cavalo e muitas famílias estavam na lida do campo, percorrendo grandes distâncias. O missionário era sempre um homem sábio e de bons contatos, apresentou as fotos para duas famílias que tinham uma “embrionária” fábrica de doces japoneses, sendo que uma era em Venceslau/SP e a outra ficava em Bastos/SP. Essa prática tradicional dizia que o casamenteiro apresentava a pessoa certa para a família certa e, também, o casamento era um negócio (interesses coletivo) de família e não por amor (interesse individual).

¹⁴ Conforme Cardoso 1998.



Todavia, meus pais se casaram em meados de 1937 e foram morar em Bastos/SP, logo eu nasci em 1939, lá minha família vivenciou diretamente toda aquela atmosfera da perseguição aos japoneses durante o período da II Guerra Mundial e dos ataques terroristas em Bastos/SP. Dentre esses episódios o que ficou registrado para o doutor Izumi foi à morte do presidente da empresa BRATAC e a invasão nas residências a procura de livros/jornais em japonês e de rádios transmissores que poderia ser uma suposta comunicação com o Japão e entre os membros nipônicos ditos “derrotistas” no Brasil. Ademais, o doutor nos descreveu claramente o município de Bastos/SP no conturbado período de guerra e ataques¹⁵ aos patrícios.

E aí a cidade de Bastos era uma das terras em que teve o pivô daqueles fanáticos japoneses que não aceitavam a derrota dos do Japão na guerra com os Estados Unidos. Eram os extremistas. E era na cidade de Bastos que morava bastante japonês, sendo que muitos jovens da comunidade, estavam inconformado com a derrota dos japoneses. Na realidade, eles não acreditavam que o Japão tinha perdido a guerra porque japonês era filho de Deus, eram pessoas iluminadas por Deus e que de maneira alguma aceitavam o fato de perder uma guerra, porque em todas as guerras que o Japão se metia, nunca perdeu uma guerra (ENTREVISTA: DR. IZUMI SAKUMA, 06/06/18).

De modo geral, a guerra atrapalhou muito a vida dos japoneses e descendentes em Bastos/SP, *“só que os japoneses moradores aqui no pós-guerra começaram arregaçar as mangas e foram trabalhar bastante, já que tinham perdido a guerra, então não podíamos perder a honra deles no Brasil”* (SAKUMA). Paulatinamente, o município de Bastos/SP foi se desenvolvendo pela dinâmica da agricultura voltada na pequena propriedade familiar com a criação de frangos e de ovos. Com isso, a família paterna veio se destacando no município e no entorno com a produção de doces japoneses para a colônia e os cidadãos. A pequena fábrica quase agroartesanal era

¹⁵ A associação secreta de maior expressão do período foi a Shindo Renmei (Liga do Caminho dos Súditos) criada por ex-militares japoneses que dinamizavam atos terroristas contra os seus patrícios derrotistas e, paulatinamente, foram agregando mais súditos chegando a cerca de 100 mil japoneses no Brasil. Tinha como ideologia voltar à terra natal ou migrar para as colônias japonesas no Sudeste Asiático após a II Guerra Mundial (MITA, 1986). O relato oral de um ex-militante da Shindo Reinmei que foi preso pelo assassinato do diretor da Cooperativa de Bastos mostrou como os japoneses estavam confusos e perturbados: “[...] comecei a pensar que desde 1941 (quando rompeu a guerra entre o Japão e os Estados Unidos) que criar bicho-da-seda e plantar hortelã só serviria para auxiliar os inimigos do Japão. Mas cheguei também à conclusão de que plantar algodão e arroz serviria ao inimigo que é o Brasil. Portanto, a melhor maneira de viver para os trabalhadores japoneses era só plantar verduras” (VIEIRA, 1973, p. 237).

denominada de “*Fábrica de Doces Canaã*”. Logo o meu pai saiu da sociedade com a família e foi montar sozinho um depósito de doces no município de Adamantina/SP, depois passou também a fabricar esses doces japoneses lá e revendedor de diversos doces (balas, bombons e chocolates em geral) que comprava em São Paulo.

Segundo Sakuma (2018), a ida dos meus pais para Adamantina além da oportunidade de negócios era também para que os filhos pudessem fazer o ginásio, pois esse curso não era oferecido gratuitamente pelo governo no município de Bastos/SP, abaixo o doutor relatou como se deu a sua mobilidade para o estudo e carreira profissional.

Eu fiz o primário na escola pública São Jose dos padres franciscanos e a escolinha japonesa em Bastos/SP. E o ginásio eu fui fazer em Adamantina/SP. Então, quando eu terminei o ginásio devia estar com uns 13 para 14 anos. Na época não tinha nenhum curso acima do ginásio em Adamantina/SP. Aí minha mãe me trouxe aqui em Presidente Prudente/SP para fazer o colegial junto com os meus primos e, também, para trabalhar na fábrica de doces *Monte Sinai* com meu avô materno Zentaro Nomura, pois ele havia mudado de Presidente Venceslau/SP para Presidente Prudente/SP, fazia algum tempo. Eu estava pensando em ir para São Paulo/SP ou Curitiba/PR fazer o colegial lá, mas acabei aqui com meu avô. Fui fazer o colegial científico no I. E. Fernando Costa. Meu avô viu que estava fazendo o segundo ano do científico me colocou para fazer o curso particular de técnico em contabilidade no Colégio São Paulo, pois queria alguém para trabalhar no escritório e na contabilidade. Aí quando terminei o científico fui fazer o vestibular e passei na Faculdade de Odontologia de Lins, prestaram junto comigo mais dois meninos que meu avô havia adotado, nós passamos os três primos juntos no mesmo ano e na faculdade particular, meu avô ficou muito feliz e arcou com os custos do estudo dos três netos (ENTREVISTA: DR. IZUMI SAKUMA, 06/06/18).

No entanto, os municípios de Bastos/SP e Adamantina/SP não eram um território para dar continuidade nos estudos, pois não ofertavam o ensino básico. E o município de Presidente Prudente/SP se apresentava como uma possibilidade de estudos para os *nikkeis* do entorno, como no caso do dr. Izumi Sakuma, sendo que para ele em tal município tinha também uma rede familiar/afetiva. O lar e a fábrica¹⁶ do avô Zentaro que o faria criar vínculos nesse novo território.

¹⁶ Na época a fábrica se localizava ao lado do prédio do centro espírita Alan Kardec na avenida Brasil.



Sendo assim, o dr. Izumi morou/trabalhou/estudou em Presidente Prudente/SP junto ao seu avô materno e com seus treze primos. Dentre os primos destacamos dois o Sakae Nishimura e o Tadao Nishimura que foram netos adotivos¹⁷ do meu avô e que vieram morar/trabalhar na fábrica com o objetivo de estudar e ter uma profissão. E de certa forma a “profecia” foi cumprida saíram daqui dentistas dando orgulho ao meu avô Nomura. Os outros netos e netas também se formaram, mas nenhum deles deram prosseguimento aos ensinamentos da fábrica de doces como meu avô queria. Um sucessor para dar continuidade ao nome da família na tradição de doces japoneses. A fábrica de doces *Monte Sinai*¹⁸ produzia balas, manju, caramelos, paçoquinha, maria mole e entre outros era quase tudo artesanal. Conforme Sakuma (2007), “*tinha que bater a massa da maria mole, depois bater e moer o amendoim para a paçoquinha, na sequência torrar o amendoim para fazer pé de moleque, era um trabalho artesanal*”. Contudo, todo o trabalho na fábrica praticamente era realizado pelos primos (crianças e adolescentes). O avô fazia o acompanhamento dos estudos e apoiava no esporte no jogo de futebol, a fábrica tinha um time dos meninos, sendo que dois irmãos e se destacaram e jogaram em dois clubes do município um na APEA e outro no Corintinhas¹⁹. Com isso, o dr. Izumi Sakuma que apoiava muito o jogo de futebol entre os *nikkeis* foi convidado a ser presidente do clube *Centro Cívico Nissei* e depois ele fizera parte da diretoria no departamento de beisebol da ACAE.

Assim, o doutor Izumi Sakuma terminou a Faculdade de Odontologia de Lins (FOL) em 1961, juntamente com seus dois primos, montando seu consultório particular atendendo a população em geral. Casou-se em 1964 com uma *nissei* e teve quatro filhos, sendo duas dentistas, um médico oftalmologista e um médico veterinário. Em 1973, foi convidado pelo ex-deputado federal Antônio Zacarias no Rotary Clube de Presidente Prudente Leste, passando a presidi-lo no ano de 77/78, posteriormente

¹⁷ O pai falecera de tuberculose e a mãe desesperada porque não tinha como criar e dar estudo para os filhos veio a cidade para deixá-lo para uma família cuidar. Dizia que a única coisa que os filhos poderiam aprender no sítio era puxar enxada e na cidade tinham mais condições. Indicaram a casa do meu avô como um senhor que gostava e cuidava de netinhos. Ela pegou o endereço e foi até lá. Daí contou a história da pobreza dela e ele falou pra deixar os dois meninos que ele ia cuidar deles. Aí a mãe disse: só que tem uma condição queria que eles estudassem, não ficassem só ajudando vocês. E meu avô concordou e deu moradia-trabalho-estudos para os meus primos adotivos que considero como da família (SAKUMA, 2018).

¹⁸ Os concorrentes eram: Balas Anzai do sr. Susumu Anzai e a Balas Cedral do sr. Suguizaoa.

¹⁹ Ambos os times não existem mais no município. Os irmãos eram Minoru Nobura e Yukaka Nobura.



participando de várias missões de ajuda voluntária como dentista: nacionais (Vale do Jequitinhonha) e internacionais (Equador, Peru, Etiópia, Quênia e Uganda). Na Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas foi sócio desde 1961 e presidiu o biênio 1979/1980. Foi empreendedor e montou em 1984 um *Pronto Socorro Odontológico*, na rua Joaquim Nabuco no número 829, atendia exclusivamente os pacientes do SUS até 1999. E, também, atendia no particular na *Clínica Sakuma*²⁰ na rua tenente Nicolau Maffei no número 1089. Atualmente o doutor está aposentado e se dedica ao lazer e *hobby* a pescaria.

A nossa última entrevistada a *sansei* dentista dra. Márcia Hideko Sakuma Ohashi, que também trabalhou no *Pronto Socorro Odontológico* de Presidente Prudente/SP, sendo ela filha do nosso outro entrevistado supracitado acima o dr. Izumi Sakuma. Desse modo, a dra. Márcia Sakuma nasceu em 1966 no município de Presidente Prudente/SP, cuja filiação paterna era do dentista dr. Izumi Sakuma e da professora a sra. Dália Yasuko Ishii Sakuma.

Todavia a história da doutora ocorrera com a chegada do pai em Presidente Prudente/SP, logo depois da II Guerra Mundial por volta de 1952, com apenas quatorze anos de idade para fazer o colegial e trabalhar na “*Fábrica de Balas Monte Sinai*” do seu avô materno Zentaro Nomura. Veio para Presidente Prudente/SP porque ele não tinha como avançar nos estudos em Adamantina/SP. Posteriormente, de Prudente seu pai foi para o município de Lins/SP cursar a faculdade particular de odontologia a FOL. Voltou de Lins/SP e montou um consultório em 1962. Em 1964, ele casaria com a *nissei* Dália Ishii, com quem tivera quatro filhos sendo dois homens e duas mulheres, em que a primogênita da família era a dra. Márcia Sakuma. Todos os filhos se formaram em nível superior tendo duas dentistas, um médico oftalmologista e um médico veterinário. Portanto, a trajetória de mobilidade espacial da doutora pode ser visualizada conforme ela nos relatou em entrevista,

²⁰ A clínica tem quatro salas de atendimento clínico e uma sala de espera o dr. Izumi montou esperando que os filhos fossem trabalhar junto com ele, somente o filho oftalmologista utilizou a clínica por um tempo e hoje trabalha em Ribeirão Preto. As filhas uma mora em Prudente e tem sua clínica e a outra reside em São Paulo/SP, pois convidei ela e o marido para virem morar aqui e trabalhar na clínica não quisera, disseram que toda a clientela dela estava lá e o doutor contra argumentou aqui você terá 57 anos de clientela que posso lhe repassar, mas ela e o marido ficaram na capital. Daí ele me disse em tom de brincadeira “*ninguém quis receber a herança antecipada*” (SAKUMA, 2007).



Eu nasci aqui, mas fui fazer o colegial em São Paulo/SP em 1981. Aqui eu fiz o primário e o ginásio no E. E. Arruda Melo. Fiz a escolinha japonesa entre os 9 aos 14 anos era no templo budista atrás da Santa Casa. Já em São Paulo/SP, fui para o Colégio Bandeirantes no bairro Paraíso, era muito conhecido esse colégio, um dos colégios que mais colocavam os alunos em universidades públicas de boa qualidade no país. Fiz os três anos de colegial e passei direto na faculdade da FOU SP em 1984. O Colégio Bandeirantes tinha um ensino de qualidade e puxado que o aluno passava direto nas universidades sem fazer cursinho. Foi o que aconteceu comigo. Terminei a Faculdade de Odontologia da USP do câmpus Butantã em 1988 (ENTREVISTA: DRA. MÁRCIA SAKUMA, 28/08/17).

Doravante, o incentivo que a doutora recebeu para estudar fora do lugar de origem partiu da sua mãe a professora Dália Sakuma, que orientou a filha a estudar no Colégio Bandeirantes na capital, almejando a entrada da filha em uma universidade pública como a USP. Como o colégio era de boa qualidade e a filha primogênita passara na FOU SP que abriu caminho para dar oportunidades para os irmãos mais novos estudarem nesse colégio particular. Foi por intermédio de um médico *nikkei* prudentino o dr. Sakai Sakura que sua mãe ficou sabendo desse colégio, porque o filho do doutor havia estudado lá e passado na FMUSP, sendo médico cirurgião. A partir dessa experiência e de que o ensino em Presidente Prudente/SP não era tão forte e puxado, ou seja, competitivo. Ela resolveu colocar sua filha no Bandeirantes em São Paulo/SP, conforme nos asservou a doutora,

Foi assim minha mãe sugeriu, disse que era uma boa escola, que seria muito bom para mim e eu acabei indo. Foi difícil no começo, porque menina né, morar fora de casa, se separar da família e era a irmã mais velha. Tudo era desconhecido, tinha que enfrentar uma cidade perigosa. Mas, não me arrependo de ter ido (ENTREVISTA: DRA. MÁRCIA SAKUMA, 28/08/17).

Essa mobilidade espacial de Presidente Prudente/SP para São Paulo aconteceu porque a família tinha uma rede de apoio afetivo que era a avó materna. Quando a avó ficou viúva o pai da doutora levou a mãe e os irmãos menores para morar e estudar em São Paulo/SP, no limiar da década de 1970, comprou uma casa na região da Praça da Árvore próximo do metro Santa Cruz. Era responsabilidade do filho mais velho cuidar da família. Ele e a minha avó conseguiram fazer com que todos se formassem, eram quatro homens e quatro mulheres, sendo que com graduação de nível superior foram: duas professoras, uma bióloga, uma enfermeira, dois dentistas e dois engenheiros. As



mulheres não seguiram a carreira de profissional liberal, sendo que a bióloga foi trabalhar no Instituto Fio Cruz, as professoras são aposentadas do estado SP e a enfermeira trabalhou em alguns hospitais da capital paulista. Todos de certa forma se deram bem e tiveram uma ascensão social. Somente o meu tio dentista que se aventurou como *dekassegui* e foi trabalhar no Japão há cerca de uns 25 anos atrás e não voltou mais, nem mandou notícias sabemos que esta vivo e continua lá, segundo os filhos dele o tio não quer voltar. Contudo, a doutora Márcia passou a residir na casa da avó o colegial e o curso de odontologia todo, posteriormente, a casa da vovó Sonoko seria uma casa de estudos em que receberia os irmãos da doutora que passariam a morar para fazer o Colégio Bandeirantes, pois seus pais buscaram dar oportunidades iguais a todos os filhos.

Nesse sentido, a doutora que era classe de média alta com toda estrutura e conforto em Presidente Prudente/SP se viu numa cidade grande e agitada, tendo que se apropriar e usar a cidade para ter mobilidade e acessibilidade para os estudos. E que nos dizeres dela essa experiência foi um desafio que exprimiu uma comparação da sua mobilidade urbana em São Paulo/SP com a anterior de Presidente Prudente/SP:

Talvez mais porque tinha um lugar para ficar (a casa da minha avó), não sei. Mas, não era fácil não, a gente aqui está acostumado que o pai vai levar na escola de carro. E lá em SP teria que pegar um ônibus e um metro, me virar sozinha, acordar cedo, entre outras coisas. As aulas eram muito intensas, o colégio era muito puxado. Várias atividades, aulas à tarde, laboratório. O fato assim, de você tinha que se locomover e pegar um ônibus, pegar um metro, coisa que eu nunca tinha feito aqui em Prudente. Aqui eu morava na Manoel Goulart, mas meu pai levava de carro dificilmente a gente ia a pé ou de ônibus. Qualquer coisa que precisava ele levava e buscava, tinha comodidade. Morávamos bem no centro, quatro quadras da Cel. Marcondes, ali em frente ao supermercado que era a referência, mas o mercado fechou, onde tem um Frango Bom era ali na esquina. Sempre moramos ali. Pelo menos nesse período aí. Mas, agora eles não moram mais para lá estão em um apartamento (ENTREVISTA: DRA. MÁRCIA SAKUMA, 28/08/17).

Por sua vez, as referências de territorialidades da nossa entrevistada foram balizadas pela rede de amizade tendo centralidade na ACAE e na igreja evangélica *Hollines*. Ela participava mesmo depois, quando voltava da faculdade em São Paulo/SP, das atividades festivas na ACAE do baile de carnaval, do natal e do ano novo. Mas, depois que retornou graduado percebeu que diminuiu bastante as atividades, porque um contingente significativo de *nikkeis* que foram trabalhar no Japão, como *dekassegui*.



Contudo, a doutora casou-se na década de 1990 com o também dentista o dr. Milton Takao Ohashi natural de São Paulo/SP, se conheceram durante o curso de odontologia na USP, posteriormente, tiveram dois filhos homens. Ambos trabalharam juntos desde que se formaram até 2008 quando ele falecera. Foram funcionários do *Pronto Socorro Odontológico* de Presidente Prudente. Atualmente, a doutora trabalha como funcionária da prefeitura municipal no período da manhã na Unidade Básica de Saúde (UBS) do Jardim Guanabara e no período da tarde atende em seu consultório particular na avenida Washington Luiz próximo ao Colégio Cristo Rei no centro.

De modo geral, a valorização pelos aspectos intelectuais favorece a mobilidade e acompanha os nipo-brasileiros desde os tempos do Japão pelo gosto e cuidado com a educação e cultura. Com isso, a ideia de se livrar do colonato e se tornar sitiante já denota a vontade de ascensão social do nipo-brasileiro, mas o desejo de educar os filhos para que não sejam caboclos brasileiros era prioridade. Portanto, tornar-se a filha médico era um projeto familiar em que a prole trabalhava para poder estudar/sustentar a filha em outra cidade. E, também, era individual sobre o ponto de vista da *nikkei* que tinha que se destacar nos estudos para poder entrar numa faculdade renomada. Dando destaque para o sobrenome da família no lugar de origem lhes rendendo prestígio e dinheiro. Ganhar dinheiro no sítio não tinha o mesmo *status* de ganhar dinheiro e ser reconhecido como um intelectual influente na sociedade urbana.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. O agricultor e o profissional liberal entre os japoneses no Brasil. São Paulo: Revista de Antropologia, vol 11, p. 53-60, 1963.
- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Estrutura familiar e mobilidade social: estudos dos japoneses no Estado de São Paulo. São Paulo. Kaleidos-Primus, 1998.
- GOTTMAN, Jean. Evolução do conceito de território: In: Boletim Campineiro de Geografia, v.2, n.3, 2012.
- HARADA, Kiyoshi (Orgs.). O *nikkei* no Brasil. São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.
- SAKURAI, Célia. _____. Romanceiro da Imigração Japonesa. São Paulo, Editora: Sumaré/FAPESP, 1993.
- PASTORE, J. Desigualdade e mobilidade social no Brasil. São Paulo: T. A. Queiróz Editor, 1979.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SAQUET, M. Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: Ed. EST, 2003/2001.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

XIV ENANPEGE
CIDADÃO DIGITAL

SORRE, M. Migrações e mobilidade do ecúmeno. In: MEGALE, J. F.; FERNANDES, F. (Orgs): Max Sorre. São Paulo: Ática, 1984.

SOUSA, A. A. Territorialidade e mobilidade: o nikkei como profissional liberal médico. Presidente Prudente: Geoatos, v. 6, n. 13, p. 77-95, 2019.

VASCONCELOS, F. A. Responsabilidade do profissional liberal nas relações de consumo. Curitiba: Juruá, 2012.